



RESENHA:
GOLDSCHMIDT, NORA. *SHAGGY CROWNS:
ENNIUS' ANNALES AND VIRGIL'S AENEID.*

REVIEW: GOLDSCHMIDT, NORA. *SHAGGY CROWNS:
ENNIUS' ANNALES AND VIRGIL'S AENEID.*

Fernanda Messeder Moura¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Goldschmidt, Nora. *Shaggy Crowns: Ennius' Annales and Virgil's Aeneid*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2013. 258pp. ISBN 9780199681297.

¹ fernandamesseder@letras.ufrj.br

Em *Shaggy Crowns: Ennius' Annales and Virgil's Aeneid*, Nora Goldschmidt investiga a recepção dos *Anais* enianos no ambiente cultural-literário de sua circulação e a medida em que Virgílio posteriormente se reapropria dessa primeira epopeia latina em verso hexamétrico e a suplanta, como cânone, com a *Eneida*. Que Ênio e Virgílio venham tratados lado a lado neste estudo de Goldschmidt constituiria, por si só, louvável contribuição para a área de Clássicas, uma vez que o último livro que ensejou fazê-lo é já centenário, a saber, o de Eduard Norden (*Ennius und Vergilius. Kriegsbilder aus Rom grosser Zeit*. Leipzig: B. G. Teubner, 1915). Para além da renovação de um tema já abordado, Goldschmidt, ao tratar de como Virgílio se ergue sobre os *Anais* em sua própria afirmação como poeta épico, garante que também a abordagem se faça renovada. De fato, é visível como a influência de Harold Bloom não só perpassa, como base teórica, a investigação que a autora conduz para a leitura intertextual que oferece, como também, capítulo a capítulo, modela, pelo lugar da memória na cultura romana, suas acuradas análises textuais.

Resultado da tese de Doutorado da autora, a obra integra a série Oxford Classical Monographs, sendo composta por cinco capítulos, uma lista de abreviaturas (pp. ix-x), introdução (pp. 1-16), um posfácio (pp. 193-196), apêndice (pp. 197-218), referências bibliográficas (pp. 219-243), *index locorum* (pp. 245-252) e índice (pp. 253-258).

Ancorada em Sander Goldberg (*Constructing Literature in the Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005), Goldschmidt trata, em seu primeiro capítulo ("Reading Ennius in the First Century B.C.", pp. 17-35), do lugar e da relevância dos *Anais* em círculos letrados não meramente pelo tratamento poético e analítico dado, por Ênio, aos eventos da história romana desde a fundação lendária da cidade, mas por sua utilização do que compunha a educação formal dos romanos e pela consequente familiaridade, adquirida dessa forma, de todos aqueles expostos a ela com o poema. Validam convincentemente tais afirmações exemplos extraídos das obras de Cícero, Catão, Varrão e Lucrécio, por lembrar quão conhecidos são os versos dos *Anais* entre os romanos da época. Na segunda seção do capítulo, a autora se dedica à época do principado de Augusto e colhe exemplos em Horácio, Ovídio e Propércio, com o fim de mostrar como a menção à poesia de Ênio por esses

autores explicita a expectativa de que seus leitores prontamente o identificassem e o reconhecessem. Conjugadas, tais seções cumprem o objetivo anunciado no primeiro capítulo de comprovar a permanência dos *Anais* como o poema épico por excelência a veicular, por sua constante leitura, “a tradição de Roma, a cultura de Roma e a história de Roma” (p. 35).

No segundo capítulo (“‘Archaic’ poets”, pp. 37-67), Stephen Hinds (*Allusion and Intertext: The Dynamics of Appropriation in Roman Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998) oferece a sustentação teórica para o argumento de base da autora do constante processo de apropriação e reapropriação sob a qual se constrói a literatura latina. Na ressalva feita ao entendimento de Hinds sobre em que diferem Ênio e Virgílio ao negociar com a memória histórica e cultural do passado de Roma e na nova afirmação de identidade que buscam, Goldschmidt encontra terreno fértil para a sua discussão dos diferentes modos com que cada poeta rivaliza com seus predecessores ao lançar-se a reinaugurar a já longa e fundação da cidade, seus costumes e suas tradições, e como mesmo Ênio teria rivalizado, em sua arcaica, primeva e rudimentar poesia dos *Anais* de Ênio, com a poesia de Lívio Andronico e Névio. Embora chame atenção aqui a omissão da autora ao capítulo de Sander Goldberg em que o tópico vem primeiro tratado (“Saturnian Epic: Livius and Naevius”, in Boyle, Anthony J. *Roman Epic*. London; New York: Routledge, 1993. pp. 19-36), é mais do que bem-sucedida a defesa da existência de “um projeto minucioso discernível ao longo da *Eneida* de construir a si mesma como ‘arcaica’, dotada de uma nova antiguidade, mais refinada” (p. 66).

O terceiro capítulo (“Sites of Rome”, pp. 69-100) se investe da base teórica de Pierre Nora (*Les Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984-1992, 7v.) para o tratamento de lugares geográficos e monumentais representativos de Roma como formadores de sua identidade cultural, sem perder de vista o lugar cultural da memória e da história nesse processo. São particularmente convincentes as análises apresentadas sobre o uso literário do rio Tibre em Ênio e em Virgílio (pp. 78-90) e do diferente manejo por cada um deles dos mitos de fundação da cidade (pp. 90-99), como exemplos representativos da própria dinâmica da sucessão épica perpetrada por ambos os autores.

Abrem a discussão do quarto capítulo (“Punica”, pp. 101-148) os comentários de Antony Smith (*National Identity*. London: Penguin, 1991) sobre guerra, identidade e nação, sempre em sua conjunção com a cultura da

memória evocada por Goldschmidt nos capítulos anteriores. Sendo a matéria bélica a base da matéria épica, a autora se lança, sem grande dificuldade, a tratar do arsenal literário e histórico das Guerras púnicas presente em Ênio e Névio. Ponto alto do capítulo se mostra a ampla discussão do tratamento dado à Sicília na *Eneida*, como forma de responder, corrigindo, à comum observação de que o universo das guerras púnicas não recebe, apesar de sua importância na formação da identidade romana, o lugar de destaque que poetas épicos predecessores lhe haviam dedicado (pp. 109-127).

Em seu quinto capítulo (“Epic examples”, pp. 149-192), Goldschmidt se põe a analisar quão exemplares de fato se mostram, na educação romana, os exemplos oferecidos pela poesia épica dos *Anais* (pp. 154-160) e, em seguida, da *Eneida* em relação aos *Anais* (pp. 166-191), como parte de um projeto vinculado à construção, pela epopeia, por sua circulação escolar, de uma memória cultural às gerações seguintes.

De pouca monta, mas, ainda assim, observáveis, são alguns deslizes na digitação: “speuclation” por *speculation*, à n. 2 da p. 1; “specficially” por *specifically*, à n. 27 da p. 155; e o não fechamento de parênteses à nota 9 da p. 2 e à nota 11 da p. 19.

No todo, o estudo de Goldschmidt peca pelo acúmulo de blocos teóricos motivadores de cada capítulo, na medida em que findam, por vezes, abafando a voz autoral do livro. A qualidade das análises textuais apresentadas, entretanto, indubitavelmente faz de *Shaggy crowns: Ennius’ Annales and Virgil’s Aeneid* um livro digno de menção dentre as obras existentes a tratar de como a *Eneida* olha para trás, com vistas ao futuro, em sua própria busca de lançar-se e firmar-se na Antiguidade. Pela abordagem literário-cultural que não ignora a devida acuidade filológica, o estudo de Goldschmidt preenche uma importante lacuna nos estudos clássicos e reabilita o lugar de Ênio, dentro dos limites que o estado fragmentário dos *Anais* permitem, como peça fundamental na construção da identidade de Roma como a conhecemos por Virgílio.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de julho de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 05 de setembro de 2016.